



A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY IN POST MODERNITY: A LITERATURE REVIEW

Patrícia de Lourdes Queiroz Feliciano¹
Tereza Cristina Peixoto²

RESUMO: O objetivo do artigo é discorrer sobre os processos de subjetivação a partir da contextualização da transição modernidade/pós-modernidade, abordando por fim os sintomas clínicos que emergiram neste segundo período. A metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, com análise dos dados a partir de categorias previamente definidas, sendo elas a transição da Modernidade para a Pós-Modernidade, a Constituição subjetiva e as relações na sociedade atual, e por último, os sintomas e as possíveis patologias desencadeadas pelos novos modos de se relacionar na pós-modernidade. Os principais resultados apontam que o sujeito contemporâneo vive em uma sociedade na qual as relações sociais se modificaram, as pessoas estão mais narcísicas, se importam mais consigo mesmas do que com os outros, com expectativas de mera contemplação do espetáculo de suas conquistas pessoais por parte de seus relacionamentos. As características desses modos de subjetividade são egocentrismo e exibicionismo. Conclui-se, que a pós-modernidade constitui-se de sujeitos solitários e desamparados considerados como únicos responsáveis pelo seu êxito ou fracasso, pessoas que buscam sobreviver a uma sociedade desafiadora em constantes mudanças. Esses modos de subjetivação podem levar à depressão, a ansiedade e aos vícios em geral, pela impossibilidade de se alcançar o reconhecimento social e pelo distanciamento de si mesmo que os sujeitos se encontram. A exaltação do eu e a fragilidade das relações interpessoais levam o sujeito a um sentimento de solidão, resultado de um vazio interior e da falta de sentido para a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Subjetividade; Sofrimento psíquico.

ABSTRACT: The aim of this paper is to discuss the subjectivation processes from the contextualization of the modernity / postmodernity transition, finally addressing the clinical symptoms that emerged in this second period. The methodology used was a bibliographic research with qualitative approach, with analysis of data from previously defined categories, which are the transition from Modernity to Postmodernity, the subjective Constitution and relations in today's society, and finally, the symptoms. And the possible pathologies triggered by the new ways of relating in postmodernity. The main results indicate that the contemporary subject lives in a society in which social relations have changed, people are more narcissistic, care more about themselves than others, with expectations of mere contemplation of the spectacle of their personal achievements. Of your relationships. The characteristics of these modes of subjectivity are egocentrism and exhibitionism. It follows that postmodernity consists of lonely and helpless subjects who are solely responsible for their success or failure, people who seek to survive a challenging society in constant change. These modes of subjectivation can lead to depression, anxiety and addictions in general, the impossibility of achieving social recognition and the distance from oneself that the subjects find themselves. The exaltation of self and the fragility of interpersonal relationships lead the subject to a feeling of loneliness, the result of an inner emptiness and a lack of meaning for life.

KEYWORDS: Postmodernity; Subjectivity; Psychic suffering.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual sofreu mudanças políticas, econômicas e culturais nas últimas décadas, que produziram alterações nas relações sociais. A partir do desenvolvimento científico e

¹ Graduação em Psicologia pela PUC Minas. patriciafeliciano2008@hotmail.com

² Pós-doutorado em psicologia pela PUC Minas. Doutora e Mestre em saúde e enfermagem pela universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. terezacpc@hotmail.com

tecnológico ocorreram novas configurações no mundo do trabalho, no sistema econômico, a partir da globalização, vivenciamos a mundialização da economia. Tal progresso tem proporcionado maior expectativa de vida e novos avanços tecnológicos no cotidiano da população (CASTELLS, 2008).

No entanto, ressalta-se, que o sistema econômico capitalista produz modos de subjetivação, quer dizer modos do sujeito se relacionar consigo mesmo e com os outros que contribui com a reprodução deste sistema (GUATTARI, 1986).

De acordo com essas mudanças, Debord (2003) descreve que se vive um embate simbólico entre o ser e o ter, a partir do estímulo para o consumo no mundo capitalista, que impulsiona os sujeitos a centralizarem seus interesses em adquirir posses mais do que na interação que estabelecem entre si. Essas mudanças ocorridas podem ser produtoras de sofrimento psíquico, uma vez que há uma abundância de prescrições e expectativas idealizantes para os modos de vida dos sujeitos, em que estes são reconhecidos somente por aquilo que possuem e parecem possuir, sem considerar suas singularidades.

Ao considerar que a sociedade pós-moderna produz efeitos psíquicos nos modos de vida dos sujeitos torna-se relevante à análise de tais efeitos, para uma atuação integral do profissional. Este estudo pode contribuir para uma formação e atuação de psicólogos mais críticos e comprometidos com o social. Ademais, espera-se estimular novos estudos e pesquisas para identificação de estratégias para a promoção de novos modos de subjetivação.

Sendo assim, buscaremos compreender os modos de relacionamentos dos indivíduos no mundo atual e as possíveis consequências para o sofrimento psíquico. Esta análise se inicia a partir da compreensão das mudanças da transição da modernidade para a pós-modernidade, entendendo também os novos modos de relacionamentos na pós-modernidade. E por fim, descreveremos os sintomas e as possíveis patologias psíquicas provocadas na pós-modernidade.

2 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que consiste em um “método que é elaborado com base em material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, teses e dissertações” (GIL, 2010, p.44).

Nesta perspectiva, buscaram-se autores clássicos na discussão da temática da subjetividade pretendida nesse estudo, como Lyotard, Bauman, Castells, Birman, Marx, Lacan, Habermas, Debord, Morin, Weber, Guattari e Rolnik e Enriquez, contemplando diversas pers-

pectivas ontológicas de sujeito, como as do campo da psicanálise, da psicologia social, da sociologia, da Esquizoanálise, da psicossociologia, e outros livros técnicos que abordam a temática.

Alguns artigos científicos desses autores foram acessados nas bases de dados do Google Acadêmico e o Scientific Electronic Library online (SciELO /Pepsico), com os seguintes critérios de inclusão: idioma em português, os disponíveis na íntegra pela internet. As palavras-chave utilizadas para a busca bibliográfica foram: Mal-estar, Subjetividade, Modernidade e Pós-modernidade.

Sendo assim, “A coleta de dados compreende o conjunto de operações por meio das quais o modelo de análise é confrontado aos dados coletados” (GIL, 2010, p. 56). Após a busca e identificação dos livros e artigos científicos, seguiu-se a leitura do material e elaboração de fichamentos. A primeira leitura foi exploratória para verificar se o material estava de acordo com a problemática, depois uma leitura seletiva para constatar se de fato esse material contribuiria para a pesquisa. Seguindo, assim, com uma leitura analítica para a obtenção de informações que nos levasse a respostas em relação ao problema de pesquisa. E, por fim, uma leitura interpretativa para relacionar os relatos de cada autor com o problema pesquisado (GIL, 2010).

A análise dos dados foi realizada por meio de categorias previamente definidas pelo pesquisador, a partir dos estudos prévios realizados e pelo interesse da pesquisa, são elas: Transição da modernidade para a pós-modernidade; Constituição subjetiva e as relações sociais na sociedade atual; Os sintomas e as possíveis patologias da pós-modernidade.

Portanto, nos dados levantados foram analisadas a produção acadêmica e científica acerca das possíveis repercussões em relação à subjetividade dos indivíduos na pós-modernidade, com a intenção de ampliar o conhecimento.

3 TRANSIÇÃO DA MODERNIDADE PARA A PÓS-MODERNIDADE

A modernidade é o começo de uma nova era marcada por momentos históricos desde o Renascimento, a Revolução Francesa e o Iluminismo. Momentos em que aconteceram mudanças fundamentais para o início de uma nova época. A modernidade representa a ruptura com o sagrado que passa a se pautar na racionalidade humana. Há a negação da divindade e a valorização da subjetividade e a explicação da realidade passa a ser valorizada pelo exercício da razão e da ciência e não mais pelas concepções do sagrado (HABERMAS, 2000).

A crença na razão do homem está fundamentada no Projeto Iluminista, que inaugura a

modernidade, sustentada na credibilidade da razão. Movimento que se dá no século XVIII, e envolve a filosofia, a política, a ideologia e a cultura, contribuindo para a construção das ideias emancipatórias, presentes nas revoluções sociais e políticas dos séculos XVIII e XIX.

O Projeto Iluminista buscava a emancipação da humanidade, que significa a busca pelo racionalismo, pelo individualismo e pelo universalismo, com vistas a romper com os particulares locais, acreditando eliminar as causas dos conflitos entre os homens pela razão. A partir da ciência os indivíduos criaram as instituições econômicas, sociais, e políticas mais eficientes e, com isso proporcionaram maior liberdade aos sujeitos como cidadãos (ROUANET, 1993).

Para a concretização do projeto iluminista foi desenvolvida uma ciência objetiva, que pretendia estabelecer um conhecimento confiável e verdadeiro da natureza e da humanidade, garantido pelo método científico, baseado na observação e na experimentação. O que era importante para a criação de uma moralidade baseada em escolhas racionais, produtoras de leis universais, que legitimariam a nova ordem social (HARVEY, 1994).

A razão moderna e a ciência objetiva, como intenções universalizantes, proporcionaram a criação e a legalidade da ordem capitalista, como também a promoção dos interesses da burguesia. Isso porque esse foi um processo simultâneo à mudança no mundo do trabalho, à ascensão da burguesia e as mudanças nas relações sociais. Este processo desencadeou novos modos de exploração e dominação, como o da classe trabalhadora, que era excluída do acesso técnico-científico e dos lucros, por não ser proprietária dos meios de produção (MARX, 1990).

Marx (1990) propõe uma teoria crítica à sociedade capitalista regida pela burguesia, a fim de acabar com os enganos dessa sociedade, que explora e aliena o homem por meio de ideologias concernentes à reprodução desse sistema econômico. A partir desse contexto, se torna velada a essência das relações sociais capitalistas, com a finalidade de explorar e dominar a classe trabalhadora e reproduzir o capitalismo. O autor produziu um conhecimento que estimulou uma consciência de classe social para o estímulo à emancipação histórico-social, a fim de que os sujeitos transformassem a exploração e a dominação que vivenciavam (MARX, 1990).

Weber (1982) também critica esse projeto iluminista no que diz respeito à sugestão da evolução da ciência somente como racionalidade e liberdade universal do homem. A ordem social pela via da racionalização ao invés de libertar o homem o prendeu em uma verdadeira “jaula de ferro” (WEBER, 1982). Em relação ao projeto iluminista, Harvey (1994) concorda que esse foi um fracasso devido as suas desconfianças na transformação social pela

emancipação do homem e da libertação dos sujeitos em um sistema de opressão universal, como o sistema capitalista.

O que ocorre a partir da descrença nos princípios da razão moderna e a desconstrução dos projetos políticos baseados no Iluminismo apresentadas por estes e outros autores que criticavam as relações sociais estabelecidas neste contexto, produzem posições contrárias entre as classes sociais e os partidos de esquerda que lutam pelos direitos da sociedade. A partir da resistência expressa nos movimentos políticos, da revolução cultural e da revolução sexual, que contou com a participação dos estudantes, das mulheres, dos homossexuais e dos negros intensificaram-se os debates sobre essas novas reivindicações, temas que a sociedade ainda não havia abordado (MORIN, 2003).

Com a descrença na emancipação moderna e com a crise da sociedade a partir dos movimentos das novas lutas políticas, somado com as transformações tecnológicas, o capitalismo foi reformulado, inaugurando assim a pós-modernidade. O discurso da pós-modernidade ganha forma com o filósofo francês Jean-François Lyotard (2004) que descreve a filosofia a partir do iluminismo. Este autor apresenta os metarrelatos, que são narrativas, discursos, quase mitos, explicações do mundo, da história, da vida e do futuro, que representam uma verdade absoluta. Os metarrelatos surgem para a legitimação das ciências, das artes e das normas. O autor define ainda que, a pós-modernidade apresenta uma descrença em relação a esses metarrelatos, uma vez que não concebe uma verdade absoluta, mas a verdade parcial. O indivíduo não é produtor de verdades absolutas, mas de possibilidades e de hipóteses (LYOTARD, 2004).

Nesse momento, Lyotard (2004) define o saber científico como um discurso baseado em códigos, normas e regras próprias como um jogo de linguagem. A ciência é um dos jogos de linguagem, que parte da civilidade humana e que assegura as relações sociais. Os conhecimentos tecnológicos incidem sobre este saber científico na função de pesquisa e de transmissão, “o saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim, perde o seu valor de uso” (LYOTARD, 2004, p. 4).

O saber passa agora a fazer parte da produção capitalista onde é comercializado, perdendo com isso o seu devido valor, como as informações que podem ser vendidas ou trocadas. Este cenário configura uma crise em relação à legitimação do saber. A crise das metanarrativas perde o sentido com o domínio da informática e o encontro com discurso da ciência. O modernismo mudou porque as condições técnicas e sociais de comunicação se transformaram. A Tecnologia pode ser considerada o principal fator para a falência desses

metarrelatos.

Em concordância com Lyotard, Eagleton (1996) afirma que a Pós-modernidade é uma linha de pensamento que busca explicações em relação aos conceitos de verdade, razão, identidade, objetividade e a ideia de progresso ou emancipação universal, como sistemas únicos. De acordo com os autores, nesse momento, há uma descrença nas verdades absolutas e nos saberes que fundamentavam o mundo, produzindo com isso um novo conceito de verdade, novas explicações, novos valores, conseqüentemente diferentes modos de agir dos indivíduos e de se constituir, quer dizer de pensar, de relacionar e de sentir.

Portanto, devido a essas mudanças a pós-modernidade consiste em uma vida com incerteza contínua. Como afirma Bauman, “a vida numa sociedade pós-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se ou perecer” (BAUMAN, 2007, p. 9). Ao contrário da modernidade, que vivia para eternidade com objetivos e referências claras, a pós-modernidade não estabelece objetivos, nem traça uma linha linear, não se tem referências. Há sempre mudanças sem destino, sem ponto de chegada e com permanente pressa nesse processo. Existe na pós-modernidade uma crise em relação à ideia de fundamento sólido, agora tudo se mistura, tudo se completa, não existe a criação a partir do nada, tudo se constrói através da influência que se dá e pela mistura que é feita (BAUMAN, 2007).

Em discordância à nomeação de uma nova época, como a pós-moderna, Habermas (2000) afirma que a existência de uma pós-modernidade é um equívoco, isso não existe, uma vez que essa época é uma atualização da modernidade, pois permanecem os pressupostos de autocompreensão dos indivíduos, originados na modernidade. Em contraposição, Bauman (2007) defende a existência de uma mudança nessa época, sem parâmetros. Esse autor analisa que as mudanças da pós-modernidade se diferenciam das ocorridas na modernidade, pela inexistência de um objetivo a se pautar, o que provoca a falta de um horizonte para onde se dirigir e de objetivos a se alcançar.

Portanto, não pensemos que a pós-modernidade é a rejeição da modernidade, mas é a busca por mudanças constantes. “A pós-modernidade é a modernidade chegando a um acordo com a sua própria impossibilidade, uma modernidade que se automonitora, que conscientemente descarta o que outrora fazia inconscientemente” (BAUMAN, 1999, p. 288). É uma busca constante por um mundo melhor em que todos passam a viver de acordo com seus interesses individuais.

Portanto, as referências e os valores sociais não são mais um modelo a ser seguido nesta nova era, mas estão livres para mudarem para qualquer padrão que o indivíduo crie para a sua vida. Os valores sociais tornam-se inconsistentes, efêmeros e individualistas. Há um

predomínio do individualismo e narcisismo exacerbado, num imaginário de que o outro não se faz necessário, essa é a principal característica da pós-modernidade.

De acordo com Enriquez (2006) na época pós-moderna valores se perdem tanto em relação ao trabalho, como em relação às características dos trabalhadores, não valendo mais a honestidade, a integridade, a responsabilidade, mas o valor todo é depositado no dinheiro. O capital produz capital, sem a produção de mercadorias, o foco não é o desenvolvimento dos meios de produção, mas o aumento do capital. Este contexto produz o aumento das desigualdades internas e externas entre as classes sociais e o domínio dos acionistas, das bolsas de valores.

Segundo Castel (1987) existe uma guerra econômica em que há o rompimento dos laços sociais nesta era, com exclusão social, competição no mercado de trabalho, diminuições dos movimentos sociais pelo enfraquecimento das lutas sindicais. As empresas crescem e buscam serem reconhecidas como superiores, sem regulação do Estado. No plano individual há uma busca pelos valores organizacionais como o próprio ideal do ego dos sujeitos, em vez do reconhecimento dos interesses pessoais e coletivos.

Apesar disso, os sujeitos acreditam estarem em um processo de emancipação. O insucesso das instituições é atribuído aos próprios indivíduos, que devem buscar aprimoramentos contínuos, vivendo estressados, recorrendo ao uso de medicamentos para suportarem as pressões sociais. As organizações exigem excelência e dedicação intensa às metas propostas e, quando não atendem as exigências são excluídos.

Nessa época, em que as mudanças são inevitáveis é necessário que se busque uma compreensão do mundo, apesar da falta de parâmetros e de limites das pessoas. Torna-se importante compreender os possíveis danos causados aos indivíduos devido aos novos modos de ser, de se relacionar e de sentir na sociedade.

4 CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA SOCIEDADE ATUAL

O sujeito se constitui na interlocução entre os vários discursos que nele se atravessam como também na interação com o seu próximo. Bauman (1998) afirma que o indivíduo é capaz, em tempos e épocas diversos, de se transformar em diferentes modos de ser no mundo, com inúmeras identidades. O autor afirma também que, a produção do indivíduo em uma sociedade variável faz com que a sua subjetividade seja variável, não mantendo a mesma forma. O autor nomeia essa característica como um estado de “sujeito líquido”.

Analisando a constituição da subjetividade, entende-se que esta abrange os fatores biológicos, psicológicos e os modos de relacionamento social, como também nossas relações com as tecnologias, os modos de transmissão das informações e a experiência concreta da vida dos sujeitos. Essa construção ocorre em meio a vários fatores que atravessam a vida social.

Os indivíduos atualmente têm experimentado modificações que se relacionam com as transformações tecnológicas e científicas do mundo pós-moderno. Bauman (1998) relata consequências e sentimentos diversos, como a incerteza, a insegurança, a ansiedade, o medo a partir das relações atuais. Com relação a isso Sibilía (2014) concorda com Bauman a respeito de que as mudanças se relacionam ao avanço tecnológico e às novas descobertas da ciência que retratam a maneira de ser do indivíduo, e ao mesmo tempo, contribuem para novas mudanças subjetivas. A subjetividade do indivíduo na atualidade é instigada por essa nova realidade.

Na perspectiva de Birman (1999) há uma nova forma de compreensão do social, uma nova forma de subjetivação fragmentada devido à condição de desamparo que o sujeito se encontra, como resultado da falta do outro. Essa é a essência para construção de outras modalidades de subjetivação. Nesses modos de produção da subjetividade o “eu” continua sendo o centro dessa construção. O autor afirma ainda que, na modernidade a subjetividade era constituída segundo a noção de interioridade e reflexão sobre si mesmo, mas na pós-modernidade o que tem caracterizado a subjetividade é o egocentrismo e o exibicionismo, como também a exterioridade.

O que caracteriza o autocentramento da subjetividade na cultura do narcisismo é justamente o excesso de exterioridade. O que é a demanda de espetáculo e de performance, que regulam a estetização da existência, são modalidades do indivíduo existir na exterioridade, para que possa gozar com a admiração que provoca no olhar do outro? (BIRMAN, 1999, p. 170).

Pode-se perceber uma sociedade em que as relações entre os indivíduos têm se modificado. Cada um tem se importado somente consigo mesmo, sendo o outro necessário somente como espectador de suas próprias conquistas. O autor reforça que a falta de reconhecimento do outro e a falta de relações de comprometimento, de compreensão das diferenças e singularidades entre os indivíduos têm desencadeado um trágico cenário de violência. Violência contra si mesmo, quando se nega a relação com esse outro, e contra o outro que é considerado não como um sujeito, mas como um objeto (BIRMAN, 1999).

Saquear o outro, naquilo que este tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo de cada dia. A eliminação do outro, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito, nos dias atuais se impõe como uma banalidade. A morte e o assassinato, assim, se impuseram na cena cotidiana como trivialidade (BIRMAN, 1999, p. 25-26).

A partir desse contexto, Birman (1999) relata, na sua obra, a sociedade do espetáculo, descrita pelo francês Debord no final dos anos 60, e a cultura do narcisismo denominada pelo norte-americano Lasch, no final dos anos 70, como característica da pós-modernidade. O exibicionismo, segundo Debord (2003) se tornou a essência da existência, reforçando o estabelecimento de uma cobrança de desempenho dos indivíduos, em busca do sucesso. Entende-se a busca contínua do espetáculo como a consequência do comportamento criado na atualidade.

O autor define o espetáculo como o meio de conduta criado pela sociedade para a rejeição da vida, como também pela recusa das relações necessárias vividas com o outro. O modelo de vida é definido como sendo a essência da satisfação econômica.

Num primeiro momento do domínio econômico a realização humana era definida pelo “ter” do indivíduo e não pelo seu “ser”. Essa é a desvalorização do ser a partir do predomínio do ter, do que se possui. No momento atual essa realização humana se dá não só por aquilo que o indivíduo possui, mas por aquilo que ele aparenta ter, aparenta ser. O valor agora é o parecer. De acordo com o autor, o espetáculo na sociedade é uma produção de distração. O homem é distraído em relação ao que produz, mesmo sendo o produtor das suas particularidades está desligado delas. Quanto mais se torna uma mercadoria em sua vida, mais se distancia de si mesmo (DEBORD, 2003).

Portanto, o autor, afirma que o espetáculo é o momento em que a mercadoria toma o lugar da vida da pessoa. A mercadoria reflete a si mesma um universo criado por ela. O espetáculo é a separação entre os homens. “Um novo domínio de seres estranhos no qual o homem se submete, é grau supremo duma expansão que necessariamente se coloca contra a vida. A verdadeira necessidade é o dinheiro” (DEBORD, 2003, p.162). A obrigação e o valor que o indivíduo tem no mundo atual é o de possuir dinheiro, pois sem dinheiro não consegue atender às demandas da sociedade exibicionista e não consegue se afirmar pelo que possui. Na atualidade não existe necessidade do convívio com o outro, com as diferenças e as singularidades.

Na perspectiva de Lasch (1983) estamos vivendo a cultura do narcisismo, sendo o fundamental o autocentramento com o desprezo da história e a inexistência da alteridade como valor. Para o autor, o autocentramento é o embelezamento da existência, o que importa é a glória de si mesmo. Analisando a definição dos narcisistas de Lasch (1983), Wanderley

(1999) afirma que esta é caracterizada pela aparência afetiva, temor da convivência, da melancolia. Isso porque há uma pseudo-autopercepção, uma libertinagem sexual, com repulsa da velhice e da concepção da morte. Os indivíduos não crêem no futuro e menosprezam o que é antigo, vivem o presente e o imediato. O valor do sujeito, segundo esses autores, está no que ele parece ser e no que ele aparenta ter.

Birman (1999) estabelece uma conexão da teoria de Lasch e Debord sobre o narcisismo, que o indivíduo cultiva na sociedade do espetáculo:

O sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro. Este é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu. As individualidades se transformam, pois, tendenciosamente, em objetos descartáveis, como qualquer objeto vendido nos supermercados e cantado em prosa e verso pela retórica da publicidade. Pode-se depreender, com facilidade, que a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem ao silêncio e ao esvaziamento. (BIRMAN, 1999, p. 188).

A partir disso, entendesse que o sujeito seduz o outro para que aconteça o enaltecimento de si mesmo, de seu eu. Sendo esse outro descartado como uma mercadoria. As relações tendem ao esfriamento e ao desligamento. Não se importa com a singularidade desse outro. “O sujeito busca a glorificação de si mesmo, sem a necessidade do outro, o outro servindo somente para exaltar o seu próprio eu. O eu sendo assim o protagonista de toda cena social” (BIRMAN, 1999, p.168).

Outros autores que analisam os processos de subjetivação são Guattari e Rolnik (1986) se sustentando na teorização proposta por Deleuze e Guattari. Para estes autores, o processo de subjetividade é coletivo e político, com vários condutores heterogêneos, extrapola a instância psicológica, “a subjetividade não é passível de totalização ou de centralização do indivíduo. A subjetividade é fabricada e modelada no registro social” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31).

Na concepção desses autores, a subjetividade não é produzida somente por motivos biológicos, ou modelos psíquicos, mas por fenômenos políticos, por meio do Estado, e principalmente, através do sistema capitalista. Ademais, propõem o entendimento dos processos de subjetivação a partir de uma perspectiva ontológica e coletiva, “[...] na atualidade a subjetividade é bem mais valiosa do que o petróleo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 26).

A subjetividade é constituída a partir do plano do desejo. Desejo que é produzido nos indivíduos por agenciamentos de poder. O desejo só se produz agenciado, maquinado. O agenciamento de poder seria uma enunciação feita através de diversos meios de poder, como a televisão, jornais, revistas, família, dentre outros. Agenciamentos que vão produzir desejo e

uma subjetividade capitalística. Produzindo então, os modos de pensar, os modos de agir, os modos de desejar, os modos de sentir, como por exemplo, desejo de ser uma pessoa bem-sucedida, ou seja, modos de pensar que interessam ao sistema capitalista.

Guattari (1986) relata que essa produção se dá no interior dos Estados, para que o capitalismo continue existindo no mundo todo. O Estado trabalha a favor do capitalismo independente de sua forma, seja o totalitário ou o social democrata. No Estado totalitário existe uma diminuição dos axiomas, dos direitos. Retira-se o direito dos trabalhadores com o privilégio do mercado externo em detrimento do mercado interno. No Estado social democrata a tendência é a de aumentar os axiomas, os direitos da minoria como, dos negros, das mulheres, dos homossexuais, e de outras minorias, fortalecendo o mercado interno.

Consequentemente, o autor afirma que todas estas formas de Estado estão a serviço deste sistema econômico. O capitalismo mundial integrado (CMI) apresenta modelos de realização axiomática. Por meio dos axiomas é que o Estado regula os fluxos de desejo do sujeito, como os modos de pensar, de agir e de se posicionar na sociedade. Isso é necessário para que ocorra o bom andamento da sociedade capitalista (GUATTARI, 1986).

A subjetividade capitalística de maneira direta é um desejo pela repressão e é produzida pelo agenciamento de poder. O indivíduo não sabe o que é organizar a sua existência, entende que deveria seguir orientações externas, de fora. Isso se refere às funções da subjetividade capitalística, que são três: a primeira produz o sentimento de culpabilidade, em que o pensamento do sujeito tem que ser legitimado, deve ser qualificado de alguma maneira a partir de definições sociais para validar o seu enunciado. O indivíduo sem qualificação não tem direito a dizer o que pensa, a vida está organizada de fora (GUATTARI, 1986).

A segunda função da econômica subjetiva capitalística é a segregação que está diretamente vinculada à culpabilização, em que somente a elite, os qualificados, podem dizer sobre seus pensamentos. Os que não fazem parte da elite ficam à margem da sociedade, segregados. A última função subjetiva capitalística é a de infantilização do indivíduo, na qual, entende-se que tudo depende do Estado, a vida é organizada pelo fora, por uma atividade regulada (GUATTARI, 1986).

Portanto, “A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se fala, etc.” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 42). O método do capitalismo, no momento, é a tomada dos processos de subjetivação social.

Contudo, Guattari (1986) afirma que para resistir a essa subjetividade serializada, capitalística, é necessário que se crie processos de singularização da subjetividade, modos origi-

nais de subjetividade. É necessário que o processo de singularidade construa as suas referências sem mais depender do poder global. E a partir da liberdade de viver seus processos se constitui a capacidade de criação permitindo a sua autonomia subjetiva. Esse processo é “algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independente das escalas de valor que nos cercam” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 47). O indivíduo tem que ser capaz de se criar, de se construir, para que estabeleça seus modos de existir, seus desejos livres das enunciações capitalistas.

5 OS SINTOMAS E AS POSSÍVEIS PATOLOGIAS DA PÓS-MODERNIDADE

O mundo pós-moderno tem constituído indivíduos solitários e desamparados, únicos responsáveis por seus próprios êxitos e pelos seus fracassos, vivem em busca de sobrevivência em uma sociedade desigual, com constantes desafios. Salienta-se que os indivíduos vivem a permanente incerteza da capacidade de enfrentar tais desafios (BIRMAN, 1999).

A falta de reconhecimento social da singularidade dos indivíduos gera sofrimento e insegurança. A partir do momento em que estes não conseguem seguir os ideais sociais, de acordo com as normas, costumes e valores vigentes se identificam como uma pessoa fracassada. O fracasso estabelece o sofrimento psíquico, quando o sujeito não consegue realizar o engrandecimento de seu eu e o embelezamento de sua existência a partir da expectativa social.

Estes modos de pensar sobre si mesmo e sobre os outros podem desencadear a depressão, a ansiedade e os vícios em geral, pela impossibilidade de se alcançar o reconhecimento social, com o imperativo da aparência de sucesso permanente.

A sociedade produz relacionamentos consigo mesmos e com os outros com busca de ideais e de gozo³ absoluto, e de satisfação a qualquer custo. A intensa produção científica contribui para essa busca, por meio da difusão de conhecimentos para a adaptação social. Segundo Birman (1999), o que caracteriza a psicopatologia é a direção biológica de pesquisa, fundada nas neurociências e na psicofarmacologia, compreendendo estados de sofrimento como perturbações psicológicas codificadas por saberes da genética, bioquímica e psicofarmacologia com o propósito de regular as variações do estado emocional e das paixões dos seres humanos. “Patologias que têm recebido maciço investimento financeiro de grandes laboratórios

³ Gozo satisfação inconsciente, um excesso de prazer que se manifesta no corpo em forma de sofrimento. Existe uma repetição que vai contra a vida levando o sujeito ao fracasso (LACAN, 1969-70).

farmacêuticos internacionais para a realização de pesquisas predominantemente de ordem biológica e psicofarmacológica” (BIRMAN, 1999, p. 169).

A partir desse entendimento, as bases morais da cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo e das aparências conduzem a produção das toxicomanias, produzidas pela psiquiatria e pelo narcotráfico. As toxicomanias representam o contraponto das depressões e da síndrome do pânico, uma vez que, o consumo de drogas é uma tentativa de estabilizar as emoções do sujeito em relação ao mal-estar atual. “O sujeito busca, pela magia das drogas, para se inscrever na rede de relações da sociedade do espetáculo e de seus imperativos éticos” (BIRMAN, 1999, p. 249).

Segundo esse mesmo autor, esse fato também vai acontecer com as pessoas retraídas, reflexivas e sonhadoras que não se identificam com os modos de ser predominantes na atualidade, como o da exaltação do eu e do exibicionismo. O valor atual é o de ser uma pessoa oportunista, que sabe se mostrar e atrair a atenção dos outros, desvinculada de qualquer valor moral. Para os que não sabem se exhibir, se mostrar, o que resta é a medicalização para que ocorram as mudanças de humor e a adequação dessas pessoas como normais de acordo com as prescrições da atualidade.

Como os humores são essências eternas e universais destituídas de história e memória, basta à incidência de certas dosagens alquímicas para balancear a economia dos humores para outros pontos de equilíbrio. Enfim, o caldeirão científico da feiticeira pode tudo regular de maneira funcional e pontual, ajustando os desequilíbrios humorais. (BIRMAN, 1999, p. 192).

Nessa sociedade encontramos o sujeito fora de si, não como um sujeito adoecido, como no passado, mas como um sujeito autocentrado e exibicionista. Esse sujeito se identifica com o lado de fora, centrado na subjetividade. Isso é positivo na sociedade, uma vez que com o centramento da subjetividade, o sujeito se dedica exacerbadamente ao consumo para construir sua aparência social e assim conservar a sua existência, mas sem provocar mudanças sociais. “Dedica-se à sedução e ao fascínio do outro, pela mediação capturante das imagens exibidas na cena social” (BIRMAN, 1999, p. 189-190).

Com isso se tem presenciado, de acordo com a cultura do narcisista e do espetáculo, que os princípios de alteridade e de intersubjetividade não têm mais valor, pois estes princípios são formas que tendem ao enfraquecimento e ao desaparecimento. Acontece uma nova elaboração do que é o sujeito doente e o sujeito sadio, com mudanças de valores sociais. A narrativa patológica da pós-modernidade sofre alterações.

Conforme a prescrição dessa cultura a própria sociedade apresenta a solução que é a da medicalização. Regula-se através da medicalização aquilo que o indivíduo não foi capaz de ser e parecer ser para essa sociedade.

O indivíduo se encontra diante de um discurso que traz uma concepção controversa do que é estar bem ou mal. O desafio do posicionamento do sujeito diante desse discurso determinará o modo como se posiciona na sociedade. Birman (1999) afirma que as mudanças sociais têm produzido transformações no indivíduo e em suas relações, levando o sujeito a se adequar de maneira não muito satisfatória, o que produz sofrimento psíquico na busca pelo ajuste social.

De acordo com, Lasch (1983), a exaltação do eu, a procura de prazer independente do outro só traz a própria destruição. Nessa cultura do narcisismo, a busca pelo reconhecimento e pelos prazeres pessoais, prazeres pelo consumo e pelo reconhecimento de si mesmo levam o sujeito à solidão e produzem um vazio interior e a falta de sentido de vida.

Para a felicidade e para a saúde é necessário ter habilidade para saber amar. O narcisismo atual “tem mais em comum com o ódio voltado para o próprio indivíduo do que com autoadmiração” (LASCH, 1983, p.56). Ódio em junção ao próprio eu e aos próprios sentimentos que impossibilita as ações pessoais e emocionais. Narcisismo que impede o desfrutar da felicidade.

Enriquez (2006) afirma que a reconstrução do tecido social, dos laços sociais ocorre pelo amor mútuo, no qual haverá a renovação da ética, a alegria em trabalhar e em estar junto, o desejo de amizade, que é à base do vínculo social e não a morte mútua.

O vínculo social só será construído se os indivíduos desejarem a partir de um grande número de pessoas. A revolução acontecerá nas relações cotidianas que são mantidas, pelo amor e alegria presentes. É preciso trabalhar nesse projeto afastando as tendências mortíferas e fazendo com que se manifeste o prazer e o amor mútuo. Pode ser sonho, mas o autor completa dizendo que as sociedades que não sonham morrem (ENRIQUEZ, 2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade se caracteriza por mudanças que levaram ao início de um novo momento histórico, no qual a razão se torna fundamental para explicar o mundo, rompendo com os princípios religiosos e passando a acreditar na racionalidade humana proposta pelo projeto iluminista que buscava a emancipação do homem. A partir do desenvolvimento científico e tecnológico e da mundialização da economia iniciam-se movimentos em favor de um novo

tempo, a pós-modernidade. Nesse tempo, o indivíduo passa a não produzir mais verdades absolutas, mas a ser o produtor de possibilidades, e de hipóteses em constante mudança.

Os modos de relacionamentos entre os sujeitos, na pós-modernidade, se caracterizam por relações superficiais, em que os indivíduos usufruem de seus relacionamentos interpessoais para contemplarem o espetáculo de suas conquistas pessoais, sem se importarem com os outros. Isso se dá em função da sociedade capitalista atual valorizar mais o ter e o parecer ter, em detrimento do ser do sujeito. Os valores sociais são difusos, não se tem referências como modelo a ser seguido, os indivíduos estão livres e se orientam por qualquer padrão de comportamento que determine a sua vida, se pautando em valores sociais inconsistentes, efêmeros e individualistas, difundidos pela mídia e que favorecem o capitalismo mundializado.

A subjetividade também se constitui no coletivo e no político do sistema capitalista, sendo fabricada e modelada no registro social, para a manutenção do sistema. O que se vê a partir disso é uma sociedade na qual há o aumento do desprezo, da desconsideração, do desrespeito e da não aceitação da diferença nas relações sociais.

Em consequência a esses novos modos de subjetivação, os sujeitos estão mais solitários e desamparados, se sentindo como únicos responsáveis pelo seu êxito ou seu fracasso, buscando sobreviver em uma sociedade desafiadora e em constante mudança.

Frente ao fracasso em se adaptar e, distante de si mesmo, sem conseguir se posicionar de modo singular, desencadeia-se o sofrimento psíquico, como a depressão, a ansiedade e os vícios pelas drogas lícitas e ilícitas, em geral. O desafio do posicionamento do sujeito diante desse discurso determinará a sua saúde psíquica e os seus relacionamentos.

O narcisismo aparece não só como uma valorização da própria pessoa, mas como uma maneira de enfrentar a dor interior para sobreviver em meio ao império da felicidade a qualquer custo. A exaltação do eu produz a sua própria destruição levando o sujeito à solidão, o que resulta num vazio interior e na falta de sentido para a vida. A felicidade e a saúde estariam na capacidade de amar ao próximo e a si mesmo.

Paradoxalmente, os avanços tecnológicos e as novas descobertas da ciência, na atualidade, favorecem a longevidade do indivíduo, mas e o que têm contribuído para o estímulo à singularização e ao sentido da vida?

A partir desse estudo novos temas de interesse para futuras investigações surgiram, como por exemplo, sobre o posicionamento da psicologia, em relação aos modos de intervir em prol da produção de novos modos de subjetivação em uma sociedade produtora de sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CASTEL, R. **Metamorfoses da questão social: Uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Fonte digital: WWW.geocities.com/projetoperiferia. São Paulo, coletivo periferia, 2003.
- EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ENRIQUEZ, E. O homem do século XXI: sujeito autônomo ou descartável. *RAE-eletrônica*, v. 5, n. 1, Art. 10, jan./jun. 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Trad. Luiz Sérgio Re-
pa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Trad. br. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 4ª Edição. São Paulo, Edições Loyola, 1994.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio**. Tradução por Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Marco Aurélio Garcia, Leandro Konder. 3. ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX. 2. Necrose.** Trad. br. Agenor Soares Santos. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade:** ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIBILIA, M. P.(2014) **Palestra Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=us2ZiXBnwps>. Acesso em: 13 mar. 2018.

WANDERLEY, R, A. **Narcisismo contemporâneo:** uma abordagem Laschiana. *PHYSIS: Rev. saúde coletiva*, Rio de Janeiro. v. 9, n. 2, 1999. p. 31-47.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia** [Org. H.H. Gerth e C. Wright Mills. Trad. Waltensir Dutra]. 5, ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1982.